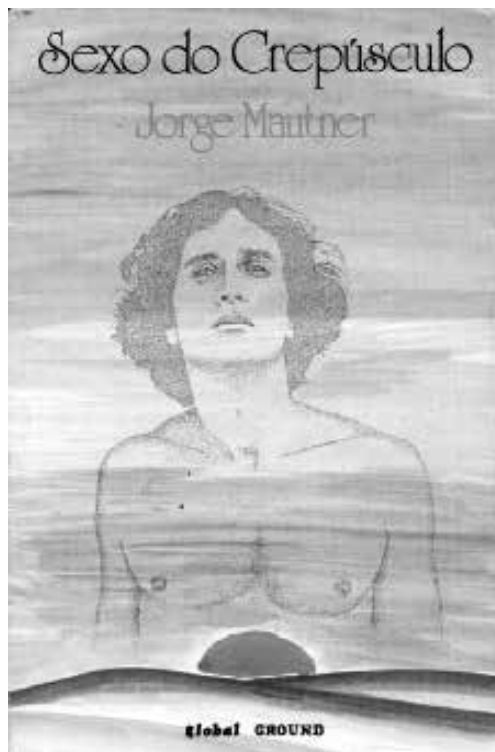


SEXO DO CREPÚSCULO

(1966)



“Ou é o escudo dourado dos germanos, ou a
escuridão do bolchevismo asiático.”

Adolph Hitler

“E assim se acumulou no espírito uma nuvem
após outra, até que a loucura proclamou:
— ‘Tudo passa: por conseguinte tudo merece passar!’

E aquela lei que diz que o tempo deve devorar
os seus próprios filhos
é a mesma justiça.

Assim proclamou a loucura!”

Friedrich Nietzsche,

“Assim falou Zaratustra”

LOEZ

1

O guarda estava ali de chicote na mão. Era alto e forte. Vestia botas negras, calças negras bem apertadas e estava sem camisa. Seu peito nu se molhava na chuva. Era imberbe e seu cabelo era loiro. Tinha olhos angelicais, de um verde suave. O pátio era varrido por um vento frio e selvagem. Mas ele aguentava estóico o vento e o frio e a chuva. Era um guarda!

Guarda de um castelo perdido entre as montanhas. Isto se passa num país estranho. País em que uma estranha ditadura surgiu. E o seu ditador, uma criatura misteriosa e alucinada, medita horas e horas, perguntando ao vento alucinado e com os olhos em súplica: — “Quando, quando devo declarar a guerra?” E se o vento lhe respondesse que era na próxima primavera, ele declararia a guerra na próxima primavera. Os generais podiam ser contra, podia ser um absurdo economicamente, mas o vento disse a ele que a primavera era a época certa, então a guerra seria na época que o vento determinou.

No fundo ele era um doente. E seus olhos desvairados olhando o infinito e meditando longas horas sobre loucas questões refletiam esta doença. Ele próprio, o ditador, sabia desta loucura, e orgulhosamente a chamava de “loucura sagrada”. Um dia escrevera num papel com letra caligrafada de criança: “Tenho a loucura dos inovadores, dos profetas, sou guiado pelo instinto, pelo impulso. Eu encarno a nação, meu povo, o povo eleito que deve triunfar e escravizar os outros povos que são inferiores ao meu que é o povo eleito pelos deuses para ser o guia da Humanidade. Sou o profeta da loucura, do sangue da raça superior e messias de uma nova religião pagã. Adoro os cães”.

O ditador era chefe supremo de todo um povo fanatizado por sua loucura, por seu estranho olhar, e ele falava com o vento, e os deuses a ele respondiam. Seu país e seu povo nem sabiam que iria haver uma guerra. Mas ele, o ditador, havia falado com o vento, e os deuses lhe disseram que a guerra seria na primavera. E assim ficou decidido. Decidido no fundo de seu peito e no peito de todos, pois ele, o ditador, encarnava a nação.

Ele sempre dizia que o sangue era um fato, e a guerra necessária. Professava uma religião dos fortes e tinha uma guarda de elite à qual tudo era permitido. Vestia-se de negro a guarda, era a guarda da tempestade, e eles, segundo o ditador seu chefe, eram os novos deuses e heróis aos quais tudo, tudo era permitido.

Ainda a guerra não surgira. Primavera estava longe. Era o começo do outono. O céu começava a se acinzentar. O ditador falara com o vento e os deuses, por intermédio do vento, disseram que a guerra seria na primavera. O ditador estava satisfeito. Podia gozar os últimos dias de paz até a vinda da primavera.

Um dos deuses e heróis, integrante da guarda negra, elite da nação e sacerdotes da Nova Era, acabara de pedir uma permissão ao ditador, seu chefe e deus supremo, para que lhe fossem concedidos alguns dias de férias totais.

Quando o herói entrou na sala para falar com o seu deus, como sempre, ao ver o messias, seus pés estremeçeram, e foi com voz balbuciante que falou: — “Chefe e guia do povo, eu vim aqui para pedir um grande favor. Sou servidor devotado da causa que culminou com a vitória de nossos ideais. Fui um dos primeiros elementos do Partido e servidor fanático da causa. Vim pedir alguns dias de férias”. O chefe e deus gritou (seu modo característico de falar era ora o grito, ora a voz suave da poesia): — “A troca de que o senhor quer férias?” E o fiel servidor falou sempre ereto e em posição de sentido olhando seu deus com olhos apavorados: — “É que sempre fui virgem. Jamais tive experiência sexual. Tenho vinte e sete anos, sou forte, alto, sou de raça pura mas jamais toquei carne alheia. Deu-me porém vontade de experimentar o sexo. E para esta grande experiência eu queria alguns dias. Eu me retiraria para meu castelo lá nas montanhas e ficaria um mês. Isto se o Partido e a nação não precisarem de mim. Salve meu chefe!”

O ditador mudou de fisionomia. Seu olhar tornou-se doce. Foi se aproximando do guarda virgem e de vinte e sete anos. O chefe, o deus, abraçou seu fanático servidor e disse: — “Um puro! Um puro! Um puro como eu! Só que eu como sou teu chefe tenho que ser puro até o fim da minha missão. Você não. Vai, eu te dou permissão. Fique mais de um mês, fique até dois, três. Vá, até a primavera. Ah! Ah! Ah! Digo-te um segredo, segredo do chefe, não conte a ninguém. Conto a você porque você é um puro. A guerra vai ser declarada na primavera. Divirta-se até a primavera. Nossa raça, nosso sangue que é puro e heróico dominará os ratos, o mundo fraco e contaminado. Retire-se agora e saiba que seu guia está feliz com você!”

O guarda da elite, herói da nação, chorou ao ouvir seu chefe dizer estas palavras.

O chefe, o deus, retirou-se para uma outra sala e o guarda retirou-se depois com os olhos molhados de lágrimas.

O chefe vivia no seu coração.

O nome do guarda era Loez. Loez entrou em seu carro negro e disse para o chofer seu ordenança: — “Para as montanhas, para o meu castelo”.

II

O castelo se erguia entre as brumas. Era de pedras de musgo. O carro preto se encaminhava solene como ave metálica negra para o castelo.

Loez estava muito emocionado. Com esta bruma, com as próximas perspectivas de sexo e de guerra na primavera.

O carro parou. Loez desceu, a sentinela bateu continência e seu ordenança o seguiu portão adentro. Uma água enfeitava a entrada do castelo. A bruma era densa.

Loez entrou na sala do castelo e foi recebido por seu secretário. Loez disse: — “Secretário,

estou de férias. O chefe me concedeu longos dias de férias. Mas você continua de serviço.” — “Sim, comandante!” Respondeu lépido o secretário. Pelas janelas dava para se enxergar o tempo negro lá fora.

O secretário aproximou-se do comandante Loez e falou: — “Aquele novo cavalo que o senhor encomendou já chegou.” — “Cavalos! Cavalos! Não estou muito interessado nos cavalos mais. Agora os tempos são outros. Mas vou dar uma voltinha pelas montanhas e irei até as cavaliças dar uma espiada neste meu novo puro sangue. Antes vou tomar meu banho. Secretário prepare meu banho e coloque perfume dentro. Quero gozar a vida!”

E o secretário foi preparar o banho. Encheu a banheira com água quente e colocou perfume. Enquanto isto Loez, o comandante da guarda negra, pensava: “Sou um homem especial. Raça pura. O chefe me escolheu. Sou diferente dos demais. Superior. Então meu modo de amar deve ser superior. Diferente. Como os antigos deuses. Eu li mitologia grega. Os deuses podiam fazer tudo. Eu sou da elite, da guarda negra, posso fazer tudo. Tudo! Eis a verdadeira revolução! Dominar os fracos. E fazer tudo que o turbilhão da minha imaginação criar! Obedecendo sempre ao meu chefe e guia!”

O secretário gritou: — “Senhor Loez, está pronto o banho!” E Loez começou a se despir lentamente. O secretário saiu do banheiro e foi para o seu quarto esperar atento qualquer nova ordem do senhor Loez. Mas Loez despia-se na sala. Lentamente. Havia um espelho na sua frente. E Loez olhava-se lascivamente. Primeiro ficou de peito nu. Aproximou-se do espelho e esfregou-se no espelho. Beijou o espelho e como era virgem não sabia beijar com a língua. Só beijava com os lábios, num misto de ternura inocente e lascividade louca.

Depois tirou a calça, as botas, ficou nu. E mexeu em seu órgão sexual. Atirou seus braços para o ar e num grito de dor e quase pulando foi para o banho. Atirou-se na água quente e perfumada.

Lá fora fazia frio e além da sentinela havia um outro guarda, todos eles servindo Loez. Eram todos servos, servidores, guardas de Loez. Este guarda chamava-se Iodl e estava sentado num banco de madeira tocando gaita. Tocava melodias tristes e cheias de saudade.

Loez na banheira pensava: “Sou um semideus e meu chefe um deus. Farei coisas terríveis de um amor pagão”. Lá fora Iodl tocava gaita. Então Loez saiu da água. Enxugou-se numa toalha felpuda e isto ao som da gaita que Iodl tocava lá fora.

Loez gritou: — “Secretário! Tomei meu banho! Da outra vez coloque mais perfume! Vá recolher a roupa que está impregnada de suor e que deixei lá no chão da sala! Vá e guarde a roupa. Eu vou passear nu! Como um deus! Sou lindo, posso andar nu! Vou ver meu novo cavalo puro sangue nas cavaliças e depois vou andar pelas montanhas. Mande preparar um magnífico jantar. Digno de um deus loiro, nu, lindo e de sangue superior!” E nu Loez se encaminhou para fora onde Iodl tocava sua gaita.

Iodl ao ver seu comandante nu quis se espantar, mas num segundo lembrou-se que seu chefe, seu comandante, podia fazer tudo; que tudo que ele fizesse estava certo; e que se espantar seria duvidar de algo e, portanto, crime contra o Estado, o princípio da autoridade. Então Iodl não se espantou e bateu continência. A sentinela do portão guardava o portão e não ligava para mais

nada. Obedecia cegamente as ordens. Loez falou: — “Teu nome, guarda, se não me engano é Iodl. Não é?” — “É sim senhor comandante”. Respondeu Iodl com a gaita na mão esquerda e com a mão direita grudada na cabeça fazendo continência. Loez estava nu e sua carne branca contrastava com a escuridão do ambiente. Com a roupa negra de Iodl, com a cor das pedras do castelo.

— “Você me acha lindo? Bem, não importa, eu sei que sou. Iodl, quero que você pegue um chicote e tire a camisa e assim, de peito nu, me chicoteie nessa tarde furiosa. Vá, obedeça, não discuta. São ordens”.

Iodl foi. Pegou o chicote e deixou a gaita no lugar em que estava o chicote. Loez estava imóvel, nu, como estátua na tarde furiosa naquele castelo perdido nas montanhas. Sua carne branca era virgem.

Iodl surgiu com o chicote na mão. Loez sorriu, quase ganiu de prazer. Loez disse: — “Que lindos olhos verdes você tem Iodl! Não tinha reparado. Só agora! É que só agora nasci para o sexo. E é um sexo dos deuses, dos superiores. Chicoteie-me. Vamos! Lenta, lascivamente”.

E Iodl de olhos verdes assim o fez. Naquela tarde no pátio daquele castelo duas figuras se agitavam. Uma, inteiramente nua, Loez, de carne branca era chicoteada por uma outra figura de olhos verdes, apenas sem camisa, de botas negras e calças negras.

E o sentinela imóvel no portão vigiava.

As nuvens dançavam no céu.

O novo cavalo puro sangue de Loez que havia chegado se agitava nas cavalariças e dava patadas ao léu. Sua carne estava elétrica como a de Loez que sendo chicoteado delirava de prazer.

III

De repente Loez gritou: — “Chega de dores! Chega! Vá dormir Iodl, já sofri bastante. Agora vou ver meu novo cavalo. Depois passear pelas montanhas e procurar meu amor. Talvez não ache. Então voltarei e você me chicoteará mais ainda. Vá dormir”. Iodl bateu continência e com o chicote na mão se retirou e foi dormir.

Loez com as costas brancas cheias de risquinhos vermelhos de sangue foi até as cavalariças.

Quando chegou viu um cavalo cor de vinho resfolegando nervoso. Loez abraçou-o dizendo num ímpeto de ternura: — “Meu cavalo, meu cavalinho! Eu te amo! Sofri e agora estou abraçado com você! Estou nu como você e como você sou de raça pura”. E beijou o cavalo.

Depois ficou muitos instantes imóvel olhando para o chão, nu, sangrando riozinhos de sangue nas costas.

Saiu das cavalariças e foi procurar seu amor quem sabe pelas montanhas. Foi nu. Sangrando riozinhos. Se não achasse seu amor seria novamente chicoteado. O destino comandava tudo, o acaso. O cavalo resfolegava furioso. O coração de Loez também.

IV

Pelas montanhas de um verde cinzento andava um menino de catorze anos. Era um pastor. Tocava flauta e pastoreava ovelhas. Usava calças de couro e camisa verde. Era lindo e tinha cabelos negros. Estava sentado em cima de uma pedra e tocava flauta e as ovelhas ao redor pastavam no cinzento verde das montanhas.

Vinha andando pelos montes, Loez, nu e branco e virgem e chicoteado. Foi quando Loez viu o pastorzinho. Ficou como doido. Gritou: — “Ei! Pastorzinho! Não se espante por eu estar nu! Sou um oficial do Exército de elite do nosso amado guia e chefe! Sou um comandante da guarda negra!” Ao ouvir isto o pastorzinho de catorze anos e de cabelos negros sentiu o coração bater. Um oficial da guarda negra! Que honra, que sublime! E o pastorzinho falou: — “Sou um humilde pastor, mas o senhor é um herói! Como eu admiro o senhor! Também sou de sangue puro eu e minha família. Papai sempre sonha com o dia de me mandar servir o guia e ser da guarda especial. Daqui a dois anos disseram que poderei servir meu amado chefe”. E Loez quase cantando falou: — “Ora, se você quiser servir antes, é fácil. Eu arrumo. Eu te amo e como te amo tudo é fácil. Encontrei meu amor, obrigado deuses!” E olhou para o alto, para o céu negro. Depois falou para o pastorzinho: — “Toca uma melodia na tua flauta que teu grande dia chegou. Meu dia também. Nosso dia!” E o pastorzinho começou a tocar, a tocar flauta e Loez nu começou a beijá-lo na nuca falando lascivamente: — “Não pare nunca de tocar. É a tortura do amor. Música e sexo! Você é virgem? Deve, deve ser, então somos dois virgens! Eu também sou. Sou puro. Você, apesar dos cabelos negros, é de raça pura, isto se vê, como eu te amo pequeno demônio!”

Depois ficaram em silêncio. O pastor parou de tocar e perguntou tristemente: — “Mas isto não é errado? O homem não deve beijar a mulher?” — “Ah! Ah! Isto é para os inferiores. Para a raça dos infectos, nós, os deuses, temos outras formas de amar”. Respondeu Loez segurando na perna do menino e beijando-a com fome de vinte e sete anos de virgindade desvairada.

— “Mas eu não entendo mais nada”. Disse o menino num queixume. E Loez falou: — “Nada deve ser compreendido. A era da razão acabou. Agora é a voz do nosso chefe, da terra, do sangue. Você gosta da minha carne? Quer ser herói? Quer entrar antes na guarda negra? Andar ao lado do chefe? Tirar uma fotografia ao lado dele num dia de glória, desfile?” O pastorzinho jogou sua flauta fora e abraçou Loez dizendo: — “Manda em mim! Manda em mim comandante que eu obedeco!” E os dois se beijaram como virgens que eram, depois foram se tornando cada vez mais voluptuosos e quando estavam para começar o ato sexual, quando o menino já estava nu como Loez, Loez falou com os lábios trêmulos: — “Vamos nos torturar mais um pouco, não vamos fazer nada. Vem morar em meu castelo. Teus pais serão avisados. Nós nos torturaremos. Só quando já não resistirmos nem um pouco e nossa carne for uma só fogueira e a febre dominar nossos corpos aí praticaremos o ato sexual. Vem, dá a mão, leva tua flauta para me encantar depois do ato”. E as ovelhas ficaram. E o pastor pegou sua flauta e foram os dois para o castelo.

Entraram no castelo de mãos dadas. Trêmulos.

O chefe da nação, o guia e deus, pensava na guerra e sonhava com a primavera dizendo: — “Como é terrível a vida! É preciso ser imperdoável. Como sou gênio e como dói esta missão. Adoro os cães”. E olhava para o mapa-múndi com olhar melancólico de poeta sofredor.

A tempestade rugia e chovia sobre toda a nação.

V

Tudo acontecera tão de repente! E na hora do jantar quando Loez e o menino já estavam vestidos o menino começou a chorar. Loez falou: — “Não chore meu amor, seus pais já foram avisados que você ingressou no Partido e na guarda negra. Daqui a pouco nos amaremos e isto porque nossa carne ficará em febre, será fogueira tão quente que queimará tudo ao redor. Coma, o patê está bom! E o vinho também! É nossa lua-de-mel!”

Mas o menino chorava, chorava.

Loez consolou-o com beijos.

Naquela noite, enquanto chovia, os pais do menino eram avisados de que seu filho agora era oficial da guarda negra. O pai do menino, camponês meio idoso, quase desmaiou de alegria. Chorou, e com um copo de vinho na mão brindou a entrada de seu filho mais moço na nova vida.

O elemento da guarda negra que viera dar a notícia bebeu vinho também. E a mãe do pastor e os irmãos do pastorzinho também choraram de alegria. Os irmãos morriam ao mesmo tempo de inveja da sorte do caçula.

A chuva açoitou a terra e as vidraças. O chefe da nação com insônia olhava a chuva.

No castelo de Loez duas criaturas se beijavam. As lágrimas tinham parado de escorrer pela face do pastorzinho e Loez tinha dito em voz bem alta: — “Iodl, guarde para sempre teu chicote que agora encontrei meu amor! Não preciso mais de chicotadas!” Os dois tinham a carne em chamas. Tudo acontecera tão de repente!

O menino deitado agora naquela cama imensa, nu, com aquele homem de vinte e sete anos, também nu, acariciando suas nádegas e seu sexo, tremia em delírio, mistura de espanto com respeito religioso pelo oficial da mítica guarda negra e urna admiração pelo heroísmo.

O crepúsculo descia sobre o mundo. O tempo passava e a primavera se aproximava. Quando vem a primavera a coisa é boa. Mas com a primavera viria a guerra. E o canto das cigarras onde ficaria? O chefe, o guia, o deus, dizia que o troar dos canhões era melhor que a poesia. Que qualquer poesia.

E a nação obedecia a seu chefe, puro, asceta, misterioso e simples como uma criança. Terrível como os demônios. E aquele amor o que era? Não era assim terrível também como este crepúsculo que desce sobre o mundo em todos os setores?

Dia a dia a primavera se aproximava. Já era o dia seguinte após o primeiro ato sexual efetuado após muitas torturas e depois só depois que a carne dos dois ficou tão quente e em febre que nenhum dos dois mais aguentou ficar vivendo ou respirando sem um possuir o outro. E um

possuiu o outro e assim foi a hedionda lua-de-mel. E a noite passou e já era o dia seguinte O menino pediu para montar no cavalo cor de vinho que ele vira nas cavalariças e Loez assentiu sorrindo. E pela chuvinha o menino galopou. Pelos montes verde-cinzentos. Loez sorria cheio de ternura e a sentinela imóvel no portão vigiava.

Eram todos loucos, enlouquecidos, um possuía o outro toda a noite e assim foi até que chegou o inverno. O menino deixou de galopar no cavalo cor de vinho pois agora os montes verde-cinzentos eram neve branca e gelada. Tudo agora era branco e prateado. As árvores eram galhos e só os ciprestes continuavam ali beijados pela neve, com suas folhas agasalhadas pelo manto branco e transparente.

O cavalo foi recolhido nas cavalariças e o menino ficava mais tempo durante o dia dentro do castelo falando com Loez.

Tomavam chá em xícaras fumegantes e quentes. Falavam e falavam ao pé do fogo, ao pé da lareira. O menino pastor com seus olhos tristes tocava flauta para Loez ouvir.

Enquanto tocava imaginava-se pastoreando ovelhas pelos montes. Mas ele não era mais pastor. Era um guerreiro da guarda negra.

Loez suspirava embevecido para o moleque. Lá fora a neve cobria tudo e o vento rugia sacudindo os galhos secos e negros das árvores despidas de folhas e dobrava tristemente os misteriosos ciprestes.

O inverno era gelado e entre uma crise de choro e outra do moleque surgida não se sabe por que, Loez e o menino se possuíam.

A fogueira, a lareira, esquentava os dois corpos amantes daquele castelo. Bebiam vinho nas noites, ouvia-se flauta. E o sexo do crepúsculo existia cada vez mais furioso. Lá fora a neve, a tempestade, o gelo.

A sentinela, no portão, metida num capote de lã vigiava olhando fixamente para a extensão branca das montanhas. De vez em quando um avião negro e de guerra sobrevoava aquela região. Às vezes eram muitos aviões negros e de guerra da força aérea do ditador, pássaros para conquistar o mundo e impor a nova doutrina da lei do mais forte no inundo.

Quando os aviões passavam, algumas árvores secas tremiam. E a neve pura e branca era o grande inverno. Era um clima de sonho, recolhimento. E o sexo terrível existia naquele terrível castelo de Loez. Malditos sejam todos os demônios! Por que existem? Haverá uma razão?

VI

O inverno passou como um sonho. E quando chegou a primavera ela chegou de mãos dadas com o deus da guerra. O ditador morria de entusiasmo e suas palavras eram mais fortes do que nunca: — “Dominaremos o mundo!”

E quando a estação da ressurreição das flores chegou, Loez e o menino abandonaram o castelo e entraram no carro negro de Loez e foram para a capital ouvir a declaração de guerra. Inverno se foi. As flores do chão brotaram. Pequenas, tinindo de vida!

O ditador fez seu discurso com a voz rouca e fez o auditório chorar. Declarou a guerra como quem inicia uma missão sagrada. O menino amante de Loez agora era da guarda negra e secretário pessoal do comandante Loez da guarda negra. Aquela nação estava enlouquecida.

Os estandartes, os símbolos, as bandeirolas dançavam ao ar. Primavera saudava a vida, trazia a vida, e os homens daquela nação traziam o conflito para a Humanidade.

Ao lado de possantes colunas de mármore branco encimadas por águias, o ditador declarou a guerra berrando no microfone prateado gritos de messianismo demoníaco. Depois aquela nação uniformizada entoou uma canção de guerra em que se falava de heróis mortos pela pátria, pela raça superior. E o ditador ficou imóvel e ereto, com sua mão levantada em saudação pagã durante todo o tempo.

E o crepúsculo caiu sobre o mundo.